

Venda de estatais não reduz dívida

■ Paulo Nogueira Batista Júnior mostra efeito pífio do Programa Nacional de Desestatização na redução da dívida pública

SANDRA BALBI

SÃO PAULO — Você venderia seu apartamento para pagar uma viagem a Miami para a patroa e as crianças? Essa comparação, emprestada da fina ironia do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, já falecido, cabe como uma luva para o atual estágio do Programa Nacional de Desestatização (PND), segundo o economista Paulo Nogueira Batista Júnior, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.

Desde que foi lançado, em 1991, o programa de privatização do governo tem como principal objetivo econômico e financeiro reduzir o endividamento interno (estoque e

juros da dívida mobiliária federal). Seu efeito sobre a dívida federal, porém, foi pífio como mostra um levantamento feito pela Trend Consultoria. Durante os seis anos de vida do programa, o estoque da dívida mobiliária federal (aquela resultado da emissão de papéis do governo) foi multiplicada por 2,6 vezes. Já os gastos com os juros dessa dívida cresceram 7 vezes.

Agora, segundo Batista Júnior, a venda de estatais serve também para ajudar a fechar as contas externas. A participação de grupos estrangeiros como investidores diretos ou agentes financeiros da privatização aportará novos dólares

aos cofres do governo. Por isso, dois dias após o leilão da Vale, Gustavo Franco, diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, comemorava o aumento de US\$ 1,650 bilhão nos investimentos estrangeiros no Brasil, graças aos créditos obtidos no exterior pelo consórcio Brasil para a compra da Vale. "O governo está vendendo ativos importantes, como a Vale do Rio Doce, para cobrir buracos abertos pelo crescimento das importações e das viagens ao exterior", diz Batista Jr.

Mais sobre o resultado das privatizações na página 29